

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Canadá impõe tarifas de 15% a 50% contra bens dos EUA

Produtos de aço, alumínio, móveis e roupas estão sujeitos a tarifa de 50%

/ RELAÇÕES COMERCIAIS

O Canadá anunciou ontem tarifas de 15%, 25% e 50% contra cerca de 700 bens norte-americanos, estimados em US\$ 27,6 bilhões, segundo comunicado publicado pelo governo. Em coletiva de imprensa, autoridades canadenses classificaram a ação como necessária para “igualar a competição” com os Estados Unidos e diminuir a desvantagem criada pelas tarifas dos EUA.

“Estamos enfrentando uma guerra comercial que não queremos e não escolhemos”, disse o ministro das Finanças e Receita Nacional, François-Philippe Champagne. “Tentamos chegar a acordo com os EUA. O primeiro-ministro, Mark Carney, e toda a equipe econômica trabalharam incansavelmente para isso. Mas, no fim, as condições impostas por Washington eram inaceitáveis.”

Em nota, o governo canadense esclareceu que as contramedidas foram criadas para enfrentar as tarifas dos EUA “dólar por dólar, alíquota por alíquota”, de maneira a amenizar o impacto da disputa comercial para produtores do Canadá no mercado local.

Assim, produtos de aço, alumínio, móveis e roupas estarão sujeitos a tarifa de 50%. Laticínios, peixes e frutos do mar terão alíquota de 25%. Outras contramedidas já existentes sobre determinados bens, como automóveis, continuarão em vigor e a estrutura de remoção de tarifas segue disponível, recebendo pedidos para “alívio excepcional”.

O Canadá também anunciou



SAUL LOEB E ANDREJ IVANOV/AFP/IC

Resposta canadense amplia disputa comercial entre os dois países

um novo pacote de US\$ 7,5 bilhões em medidas de apoio para empresas, com foco em levar suporte “rápido” para trabalhadores e empresários. O valor soma-se aos US\$ 25 bilhões já providenciados pelo governo desde a implementação das tarifas dos EUA pela primeira vez no ano passado.

As autoridades esclareceram que o suporte será abrangente e variado para levar suporte a pequenas, médias e grandes empresas, podendo ser expresso por meio de subsídios, empréstimos com taxa de juros zero, entre outras medidas.

Autoridades do Canadá afirmaram que o acordo comercial proposto pelos EUA era “muito ruim”, trazia demandas excessivas para os canadenses e dava vantagem demais para Washington, em coletiva de imprensa para anunciar retaliação.

O ministro das Finanças e Re-

ceita Nacional, François-Philippe Champagne ressaltou diversas vezes que a disputa comercial não foi uma escolha do Canadá. “Os EUA demandaram que fizéssemos uma escolha. Decidimos enfrentá-los em nome do povo canadense e nossos trabalhadores, porque não vamos aceitar ser controlados por outro país”, afirmou.

Champagne evitou entrar em detalhes sobre o que teria sido comentado durante as negociações com os americanos, mas admitiu que uma das condições seria que parcerias comerciais de Ottawa teriam que passar por aprovação de Washington.

As autoridades canadenses pediram que a população reforce campanhas a favor de priorizar a compra de produtos locais e que empresas destaquem quais produtos foram feitos no Canadá em suas prateleiras.

EUA diz que todas as minas do Estreito de Ormuz foram removidas

/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou ontem que todas as minas nas águas internacionais do Estreito de Ormuz foram detonadas ou removidas, e que o Irã foi avisado de que qualquer embarcação que instalar novos explosivos será destruído.

Em uma publicação na rede social Truth Social, Trump disse que os EUA, por meio de sua Força Espacial, estavam monitorando “cada centímetro quadrado” do estreito, uma via marítima estratégica para a cadeia global de abastecimento de energia.

Washington e Teerã não realizam ataques aéreos contra as forças militares um do outro há semanas, mas os ataques a embarcações em Ormuz prosseguem, enquanto os dois lados disputam o controle da passagem marítima.

A travessia de navios comerciais continua mínima: na segunda, apenas dois cargueiros transitaram pelo estreito, o menor

número desde maio, de acordo com dados públicos de navegação. Antes da guerra, a média era de 120 a 140 navios, a maioria petroleiros, trafegando por Ormuz.

As autoridades iranianas insistem que o estreito não será totalmente reaberto até que a Casa Branca atenda às exigências de Teerã, entre elas suspender o bloqueio naval, retirar as sanções contra o petróleo iraniano e descongelar ativos no exterior.

Para conseguir efetivar o fechamento do estreito, o regime iraniano usou um arsenal de cerca de 2 mil minas navais projetadas para flutuar ou serem ancoradas. Desde a década de 1980, durante a guerra entre Irã e Iraque, esse tipo de explosivo é utilizado para atingir os navios na região.

As minas podem ser acionadas por contato ou quando detectam a passagem de uma embarcação. Os modelos mais modernos conseguem ser detonados através de alterações no campo magnético, na pressão da água ou ao ruído dos motores.

Desaprovação de Trump chega a 65% e bate recorde

/ ESTADOS UNIDOS

A desaprovação do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, chegou a 65%, segundo pesquisa da Reuters/Ipsos. É a maior taxa de reprovação já registrada pelo levantamento em qualquer um dos mandatos do mandatário republicano.

Na pesquisa anterior, divulgada em 17 de agosto, a desaprovação de Trump era de 64%, o maior índice até então. O percentual também havia sido registrado em 22 de junho e 27 de abril.

A aprovação, por sua vez, ficou em 33%, mesmo percentual registrado na última pesquisa. O número igualou o pior resultado do primeiro mandato de Trump, registrado em 12 de dezembro de 2017.

O levantamento ouviu 1.215 adultos entre os dias 21 e 24 de agosto em todo os EUA e tem margem de erro de três pontos percentuais para mais ou para menos.

Questionados sobre a maneira como Trump está lidando com a economia, apenas 26% dos americanos afirmaram aprovar sua

atuação. Na última pesquisa, esse índice era de 29%.

O levantamento também apontou que apenas 31% dos americanos aprovam a guerra com o Irã, menor nível registrado desde os primeiros dias do conflito, em fevereiro. Em março, a aprovação era de 37% e, no início do mês, de 34%.

A Reuters/Ipsos apontou que a queda está relacionada à redução no número de republicanos que apoiam o conflito, que passou de 77% em março para 69% na pesquisa mais recente.

